



O salário de R\$ 4.000 para os médicos oferecido pelo programa Saúde em Casa, que faz atendimento domiciliar, é o principal atrativo de profissionais de outros estados que se inscrevem em Brasília

Migração com roupa branca

Médicos e técnicos de enfermagem de outros estados vêm a Brasília tentar vaga para atender a população no programa Saúde em Casa

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Berenice Chaves, 33 anos, técnica em enfermagem há 17 anos, está disposta a trabalhar no Distrito Federal e encarar quase três horas de ônibus para chegar em casa nos finais de semana. Tudo isso por um salário de R\$ 900. Ela e cinco colegas pretendem montar uma república em Brasília e continuar morando em Goiânia. Estão disputando as vagas oferecidas pelo programa Saúde em Casa, convênio entre a Secretaria de Saúde e o Instituto Candango de Solidariedade.

O grupo chegou pela manhã no Distrito Federal, depois de uma viagem cansativa. "Vinhamos de carona em um ônibus de servidores federais. O carro quebrou, em Anápolis pegamos outro, quebrou também, pegamos um terceiro e só então chegamos em Brasília", conta Berenice. A tarde, ainda sem almoçar, os seis foram ao Instituto Candango, na esperança de conquistar um emprego.

Se forem aprovados nas provas de admissão, estão dispostos a morar em

qualquer cidade do Distrito Federal. Eles sabem que o emprego é para atendimento à população pobre e não se preocupam com a falta de infra-estrutura urbana. Sua preocupação é dividir o aluguel e voltar com dinheiro para casa.

"Estamos fugindo de Goiânia, em busca de melhores condições de trabalho e salários", diz Ernesto Dias, 38 anos, oito de experiência. Ele disputa a mesma vaga de Berenice. O grupo já tem estrada. "Mas uma estrada com muitas desilusões", lamenta Lucimar de Araújo Silva, 45 anos, 13 na profissão.

"Em Goiás, o estado paga em média R\$ 190 para auxiliar de enfermagem. A iniciativa privada paga R\$ 250. Não achamos bom morar em Brasília, mas precisamos de dinheiro para uma vida melhor", explica Erondina Pereira dos Santos, 47 anos, 18 de experiência profissional. "A gente se sujeita a viver com condições mínimas para sobreviver", acrescenta.

Todos eles já conversaram com as famílias sobre os planos de morar durante a semana em Brasília. Ernesto Dias, por exemplo, é casado e pai de

dois filhos, entre 10 e 17 anos. "A família não é mais a mesma, às vezes é deixada um pouco de lado, por causa de necessidades como essa. A gente se afasta, em vez de estreitar laços", lamenta.

Desde segunda-feira, quando iniciou a segunda etapa de inscrições para o programa Saúde em Casa, o Instituto Candango já recebeu inscrições de 11 médicos, 31 enfermeiros e 812 candidatos a auxiliar de enfermagem.

As vagas são para 57 médicos, 57 enfermeiros e 171 auxiliares de enfermagem. Os salários oferecidos aos médicos são de R\$ 4 mil, para enfermeiros R\$ 2.500 e R\$ 900 para auxiliares. As equipes vão trabalhar em Planaltina (14 equipes), Samambaia (14), Paranoá (12) e Ceilândia (17).

O salário inicial de um médico na Fundação Hospitalar do Distrito Federal é R\$ 1.500 para 24 horas de jornada semanal. Mas segundo o assessor de imprensa da Secretaria de Saúde, Francisco Santana, os médicos da rede pública têm vantagens que os profissionais do Saúde em Casa não têm.

"Eles são contratados pelo Instituto Candango, em regime da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), por isso não têm a estabilidade dos funcionários públicos. Sua jornada é de 40 horas e, além disso, devem pagar o próprio transporte até o trabalho. Co-

mo atendem em casa, também precisam locomover-se dentro da cidade. E não têm carros a disposição, como outros servidores." Francisco Santana explica que cada cidade terá apenas um veículo como apoio para todas as equipes.

O gestor administrativo do programa Saúde em Casa, Beni de Oliveira, prevê que nos últimos dias de inscrições a disputa por vagas deva ser bem maior. O prazo começou no dia 26 de maio e termina no próximo dia 13. Na primeira fase, 1.608 pessoas se inscreveram para seleção das 32 equipes que já estão trabalhando em Santa Maria, São Sebastião e Sobradinho II. Outras 2.731 pessoas concorrem para a função de agente comunitário nas três cidades.

Cada equipe do programa Saúde em Casa é formada por um médico, um enfermeiro, três auxiliares de enfermagem, quatro agentes comunitários e um auxiliar de serviços gerais. Eles trabalham entre às 8h e 18h todos os dias, prestando atendimento médico domiciliar à população.

Os candidatos a agentes e auxiliares de serviços gerais fazem inscrições nas próprias cidades onde moram e deverão trabalhar. Até o final do ano, 101 equipes estarão completas, com 1010 profissionais em todo o Distrito Federal. Nesse total estão também as equipes que já estão trabalhando em Santa Maria e São Sebastião.

EXPERIÊNCIA

Quase todos os candidatos ao programa Saúde em Casa estão interessados principalmente nos salários. Mas a experiência também pesa. "O trabalho é interessante. Nunca tive oportunidade de lidar diretamente com a comunidade", diz Carla Marques, 30 anos, enfermeira que mora na Asa Sul.

"O atendimento médico domiciliar é uma tendência mundial, com certeza será uma experiência ótima". Carla conta que seus sete anos de profissão foram sempre em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI).

Ela afirma que com os avanços da medicina a vida é cada vez mais prolongada e exige mais dos profissionais de UTI's. "Precisamos estar atualizados, o trabalho torna-se cada vez mais cansativo e os salários não são compatíveis com os avanços".

Na opinião de Carla, o programa Saúde em Casa será gratificante porque os profissionais trabalham para a melhoria da qualidade de vida de toda a comunidade. "É um novo desafio para mim. Tudo é um desafio, e precisamos estar abertos para o novo".

SELEÇÃO
Inscrições para o programa Saúde em Casa, até dia 13 de junho: R\$ 50 (médicos), R\$ 30,00 (enfermeiros) e R\$ 15,00 (auxiliares). No ICS (507 sul, bloco C), das 8h às 12h e das 14h às 18h. A taxa deve ser paga em qualquer agência do BrB. Informações: 244-3194.